

INTRODUÇÃO A LÉVINAS:
PENSAR A ÉTICA NO SÉCULO XXI

Coleção COMO LER FILOSOFIA

Coordenada por **Claudenir Módolo** e **Claudiano Avelino dos Santos**

- *Como ler a filosofia da mente*, João de Fernandes Teixeira
- *Como ler um texto de filosofia*, Antônio Joaquim Severino
- *Inteligência artificial*, João de Fernandes Teixeira
- *Como ler a filosofia clínica? Prática da autonomia do pensamento*, Monica Aiub
- *Um mestre no ofício: Tomás de Aquino*, Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento
- *Uma introdução à República de Platão*, Giovanni Casertano
- *Encontrar sentido na vida: Propostas filosóficas*, Renold Blank
- *Como ler os pré-socráticos*, Cristina de Souza Agostini
- *Filosofia do cérebro*, João de Fernandes Teixeira
- *Mestre Eckhart: Um mestre que falava do ponto de vista da eternidade*, Matteo Raschietti
- *Como ler Jean-Jacques Rousseau*, José Benedito de Almeida Junior
- *Como ler Wittgenstein*, João da Penha
- *Fazer filosofia: aprendendo a pensar com os primeiros filósofos*, Barbara Botter
- *Introdução a Lévinas: Pensar a ética no século XXI*, Rogério Jolins Martins e Hubert Lepargneur

Rogério Jolins Martins
Hubert Lepargneur

*Introdução a Lévinas:
Pensar a ética
no século XXI*

Emmanuel Lévinas,
filósofo judeu e francês (1906-1995)



PAULUS

Direção editorial: *Claudio Avelino dos Santos*

Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*

Revisão: *Iranildo Bezerra Lopes*

Manoel Gomes da Silva Filho

Caio Pereira

Diagramação: *Dirlene França Nobre da Silva*

Capa: *Marcelo Campanhã*

Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Martins, Rogério Jolins

Introdução a Lévinas: Pensar a ética no século XXI / Rogério Jolins Martins, Hubert Lepargneur.

— São Paulo: Paulus, 2014. — (Coleção Como ler filosofia)

Bibliografia.

ISBN 978-85-349-3970-6

1. Ética 2. Lévinas, Emmanuel, 1906-1995 I. Lepargneur, Hubert. II. Título. III. Série.
14-04660

CDD-194

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia francesa 194
2. Filósofos franceses 194

1ª edição, 2014

© PAULUS – 2014

Rua Francisco Cruz, 229

04117-091 São Paulo (Brasil)

Fax (11) 5579-3627

Tel. (11) 5087-3700

www.paulus.com.br

editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-3970-6

Glossário

para palavras-chave em Lévinas

Ontologia – a ontologia é o ser e o “si mesmo” concebido por Lévinas como horizonte fenomenológico de inteligibilidade dos entes, inclusive do ente humano. Separar-se da ontologia e do ser significa, em primeiro lugar, sair de uma compreensão de uma ontologia constituída como a que foi determinante no pensamento filosófico ocidental. Implica, também, pretender sair da subjetividade inteligida e constituída como *mônada* – átomo espiritual, substância desprovida de partes e de extensão, portanto indivisível – *solipsista* – termo aplicado para designar egoísmo metafísico – e como espelhismo existencial, ou egoísmo existencial do ser – ontologia.

Totalidade – Lévinas critica esse conceito como uma pretensão filosófica errada do Ocidente de atingir o saber absoluto, que tende reduzir o Outro ao Mesmo, expressão de domínio. Trata-se do primado do Eu ou do Mesmo. É a razão definida pelo Eu. Consiste na compreensão da ontologia como analogia ao indivíduo – único a existir – na sua individualidade. O primado do Eu se assenta na suficiência essencial do Mesmo, na identificação da *ipseidade*, no seu egoísmo. Trata-se de uma egolatria. “Remonta a ‘estados da alma’ pagãos, ao enraizamento no solo, à adoração que homens escravizados podem votar aos seus senhores. O ser antes do ente, a ontologia antes da metafísica.” Nessa pers-

pectiva, a relação é de domínio e violência, pois o outro é o “eu mesmo” – “mesmidade”.

Mesmo – o mesmo seria “o mesmo de mim mesmo”. É a tomada do Outro como outro eu, ou a posse do Outro como outro próprio-eu. É a redução do Outro ao Mesmo expressa na totalidade, no domínio e na violência. O Outro não é minha representação. “O mesmo e o outro, ao mesmo tempo, mantêm-se em relação e dispensam-se dessa relação, permanecendo absolutamente separados.”

Iipseidade – é a unicidade do eu. A unicidade do eu traduz separação. A separação por excelência é solidão e fruição, o próprio isolamento. A unicidade do eu não consiste apenas em encontrar-se num exemplar único, mas em existir sem ter gênero, sem ser individuação de um conceito. A ipseidade do eu consiste em ficar fora da distinção do individual e do geral.

Alteridade – a compreensão do Outro em Lévinas exige que o Outro continue sendo sempre o Outro e não “outro eu”. O Outro como alteridade não pode ser conceituado, mas permanece concreto. O Outro permanece sempre o outro metafísico do qual o Eu necessita. O outro é o absolutamente outro – Outrem. O Outro não é absolutamente minha representação; é o caminho do infinito que, essencialmente, me escapa.

Relação – entre o Eu e o Outro que permanece sempre Outro e não outro eu assume centralidade no pensamento de Lévinas o conceito de relação como reconhecimento. O Outro deve ser reconhecido como Outro concreto. A relação constitui o sujeito, e na relação com o Outro concreto o sujeito é constituído. Essa relação da alteridade é denominada de ética. A ética é entendida aqui como muito mais do que um código ou princípios morais de ação. A ética é, nesse sentido, a metafísica primeira ou relação primeira, como

abertura necessária ao outro. A ética é posta como a essência do discurso. Essa relação com o Outro não é uma opção da vontade livre do sujeito, mas a condição que constitui o modo de ser dessa vontade. A relação com o Outro, que é prévia à minha vontade, me interpela, pois toda relação é interpelação. Ela me afeta, enriquece e desafia. Interpela minha liberdade, me responsabiliza, especialmente quando o Outro é necessitado. A responsabilidade pelo Outro aparece para mim na relação antes que eu possa evitá-la.

Metafísica – para Lévinas, a metafísica é o movimento de “saída do ser” – do “mesmo de mim mesmo” – para o “outro de mim mesmo”. É a excedência do ser ou a saída do ser. É ir em direção ao Outro, ao Bem, ao “bem que está além do ser”. Nesse sentido, o Outro precede o Eu. O Outro se torna transcendência.

Infinito – infinito se opõe a totalidade. Trata-se do “sair de si” inspirado em Abraão na tradição bíblica. O infinito é a presença de um ser que não é fechado na esfera do Mesmo, presença que a extravasa, fixa o seu estatuto de infinito. A ideia de infinito ultrapassa os meus poderes. O infinito se manifesta na epifania do rosto. Manifestar-se como rosto é impor-se para além da forma, é apresentar-se de uma maneira irreduzível à manifestação, sem mediação de nenhuma imagem na sua nudez. O rosto abre o discurso original, cuja primeira palavra é obrigação que não se permite evitar. O pretense escândalo do rosto supõe a identidade tranquila do Mesmo, a segurança em si próprio. A presença do rosto – o infinito do outro – é indigência e ordem que me ordena. O olhar que suplica e exige. No acolhimento do rosto, a vontade abre-se à razão.

Transcendência – a dimensão do divino abre-se a partir do rosto humano. A identidade do transcendente é vista no

estranho e no pobre. Somente em sua nudez são capazes de impedir a relação metafísica com Deus e se realizar na ignorância dos homens e das coisas. Uma relação com o transcendente – livre de toda dominação do Transcendente – é uma relação social. É aí que o Transcendente, infinitamente Outro, nos solicita e apela. A proximidade de Outrem, a proximidade do próximo, é no ser um momento inelutável da revelação, de uma presença absoluta. A sua epifania consiste em solicitar-nos pela sua miséria.

“il y a” – significa “algo existe”, indefinido, neutro, anônimo, amorfo. É a partir desse algo que nasce e evolui o sujeito. Como obter esse sujeito? Ele é criado pelo olhar do Outro.

Responsabilidade – em Lévinas, a responsabilidade antecede a liberdade. O critério decisivo é o Outro que antecede o Eu. A liberdade do Eu esbarra na responsabilidade pelo Outro que se me impõe. A busca pela “saída de si” esbarra na responsabilidade pelo Outro. Ao infinito a quem se dirige em sua noção de rosto, põe em causa a liberdade espontânea em nós. O rosto é presença viva, é expressão. A experiência absoluta não é desvelamento, mas revelação e manifestação de um rosto para além da forma. Acolher o outro – Outrem – é pôr minha liberdade em questão.

Ética – a ética é para Lévinas a filosofia primeira. A ética, por ser relação, antecede a ontologia. Na relação com o infinitamente outro enquanto outro – Outrem –, não é adequada a ideia teórica de outro eu-próprio. O Outro é a Razão que fundamenta o Eu. Essa Razão dialogal na confrontação entre dois seres não é abstrata, mas o encontro com o totalmente nu, com o fato último, impresso no olhar do estrangeiro, da viúva e do órfão. Nesse sentido, a razão, quando fala em primeira pessoa, não se dirige ao outro, mantém um monólogo. “Só o absolutamente estranho pode nos instruir.” Em suma,

a ética levinasiana se sustenta apenas pela experiência ética do face a face.

Violência – para Lévinas, toda ontologia provoca um tipo de violência sobre o Outro. Transgredir a alteridade humana como critério ético significa entrar no campo da violência. O Outro, quando reduzido a conceito, perde a capacidade de mostrar-se na singularidade do seu próprio rosto. É a percepção do Outro a partir do Eu. Uma vez reduzido a conceito, fica fácil intervir sobre o outro de forma útil, instrumental e violenta. A superação da violência se dá somente com o Eu colocando-se a serviço do Outro. Esse colocar-se do eu a serviço do Outro, como responsabilidade pelo Outro, parte do “des-inter-esse” pelo ser, entendido como si mesmo. A expressão “desinteresse” quer dizer o “não interesse do eu pela reciprocidade do outro”. Gratuidade.

Introdução

No dia 25 de dezembro de 1995, o mundo perdeu um filósofo de grande originalidade e excepcional impacto, em cuja obra a inteligência brasileira está iniciando-se. Trata-se de Emmanuel Lévinas. Suas obras começaram a ser traduzidas para o português, mas esse autor permanece incontestavelmente de difícil acesso. No intuito de ajudar a abordagem desse pensamento contemporâneo, perpassado de estranha religiosidade, apresentamos as páginas seguintes. Elas podem servir ora como preliminar a maior estudo da obra em pauta, ora para permitir uma visão de conjunto que não seja esotérica, amparo para quem não dispõe de muito tempo para alta filosofia, mas quer se manter a par do pensamento contemporâneo. Essas páginas despretensiosas não dispensam nem a simpatia pelo autor, nem certo recuo crítico que possa apontar alguns pontos discutíveis de sua obra.

A primeira parte retrata a vida e a obra de Emmanuel Lévinas, seguindo a ordem cronológica dos eventos. Ao mencionar novo livro, tentamos indicar resumidamente seu conteúdo ou situá-lo no pensar de nossos dias, com uma insistência proporcional à importância do volume. A segunda e a terceira partes almejam apresentar um resumo dos temas principais de Lévinas e deixar entrever a organicidade do sistema. A filosofia em questão é uma Filosofia da Subjetividade e da Transcendência (II). Gira também em torno do tema do *outro* que nos responsabiliza. Da Cosmologia à Ética, a Descoberta do Outro (III). As reflexões críticas dessa terceira parte acham complementação na quarta parte: Indagações e Reflexões Finais (IV) que salientam, sobretudo, a dimensão religiosa do autor e de sua obra.